

DEPOSITO LERAL

# MARIA RITA

SEMANARIO

HUMORISTICO

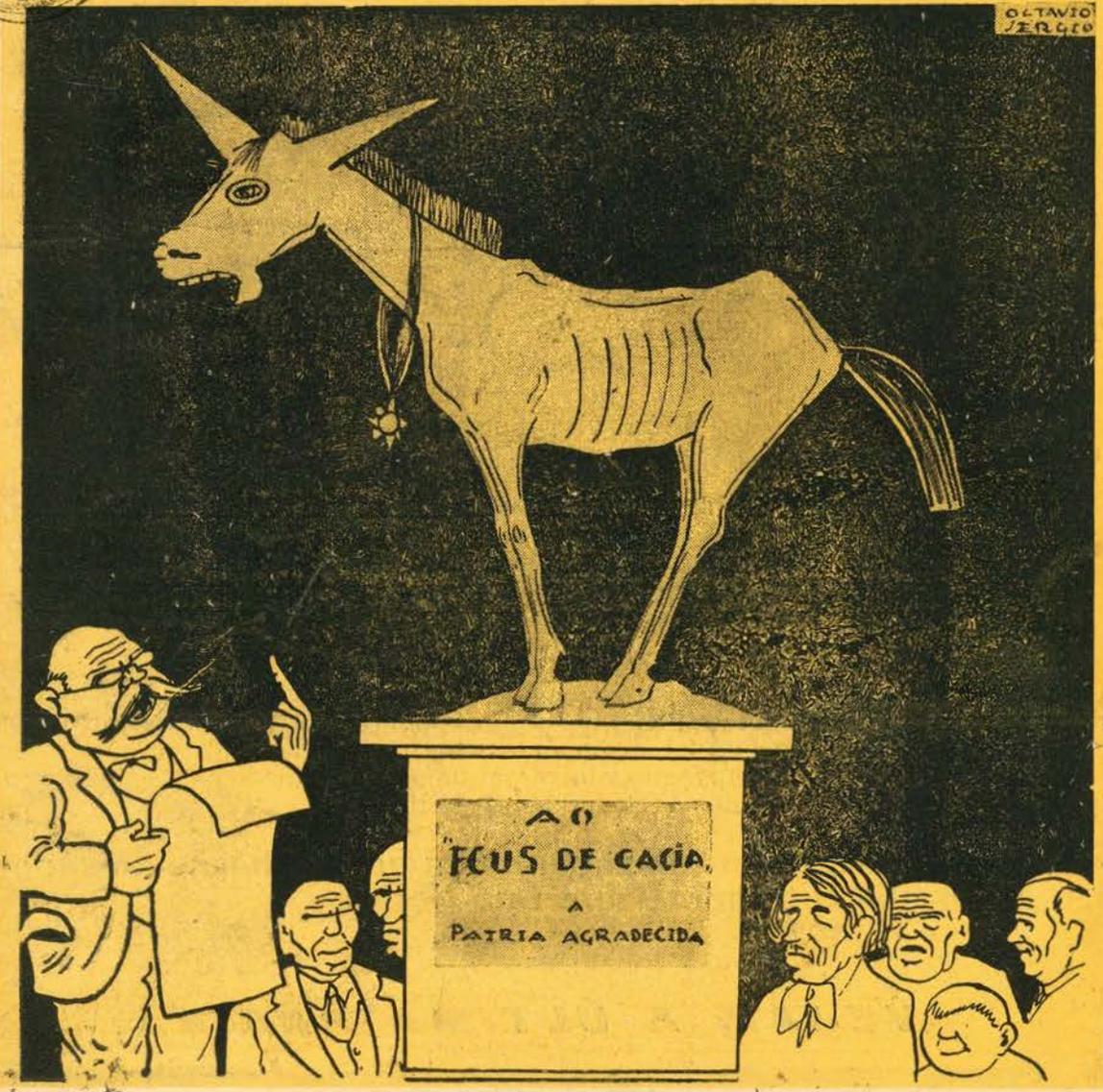
Director: Arnaldo Leite  
Carvalho Barbosa  
José de Artimanes

Director: Arnaldo Leite e Manuel de Mendonça  
OCTAVIO FERREIRA



## Inaugurando o Monumento

OCTAVIO FERREIRA



Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

**Continente e Ilhas**

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

**Colónias**

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

**Estrangeiro**

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

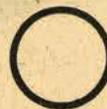
Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

**CONCURSO DE OUTUBRO JÓGO DO SAPO Resultado da 1.ª Partida**

Ora cá temos nós a disposição do Sapo com a numeração respectiva a cada casa.

|       |     |     |
|-------|-----|-----|
|       | 100 |     |
| 70    | 30  | 300 |
|       | 500 |     |
| 1.000 |     |     |



E que foi uma inspiração divina visto que dos 400 concorrentes, aproximadamente, nem um só acertou em cheio.

Ficou portanto para a MARIA RITA o prémio de 500 escudos.

Com direito aos dois prémios de 100\$00 Escudos cada, temos nesta partida 112 concorrentes, cujos nomes ou pseudónimos daremos no próximo número, dizendo ao mesmo tempo a forma do sorteio, visto que não vale a pena a sub-divisão por todos.

Com direito aos 30 prémios de 10\$00, representados por livros de igual valor, temos apenas 27 concorrentes, o que quer dizer que foram todos premiados. Igualmente no nosso próximo número, daremos o nome de todos.

Na nossa administração, ficam à disposição de todos os concorrentes os elementos necessários para a fiscalização deste concurso, que, repetimos, é absolutamente honesto e de grande distracção. Pelo esquema que acima publicamos, todos poderão verificar se a categoria de prémios em que foram incluídos está ou não direita.

Todos os restantes concorrentes obtiveram uma totalidade de pontos inferior a 1.200, estando portanto desclassificados nesta primeira partida.

**Vamos à segunda meus senhores que as bôcas do sapo e do saco estão absolutamente abertas.**

**VEJAM A ÚLTIMA PÁGINA**



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Tenham paciência. E' que a revolução brasileira está sendo fonte ubérrima de casos dignos de comentário — picarescos uns, irritantes outros — e não há maneira de a gente se resolver a pô-la de banda, como a tema dissaborido, já sem facêtas inéditas e aproveitáveis.

Agora, por exemplo, o general Góis Monteiro, comandante-em-chefe das forças governamentais, acaba de declarar aos jornalistas que o ministério está seguro, e que é fatal a sua vitória, mas só ao fim de meio ano. Seis meses mais, pela certa, de guerra civil, ceifando vidas, destruindo fontes de riqueza, e dando ao mundo o triste espectáculo que é sempre uma luta desapiadada entre irmãos.

Pois francamente dizemos ao illustre militar que, se de facto está convencido de tão acérrima resistência por parte dos revoltosos, o seu dever consiste, não em perdurar na sangrenta disputa, mas em lhe pôr têrmo, impondo ao govêrno Getúlio Vargas o abandono do poder.

### O Busto



— Minha mulher é uma grande bêsta.  
— Por isso a mandaste bustificar.

Só contra êste se ergueram os rebeldes, que não atentam contra a independência da pátria, nem sequer contra a unidade política da nação. E desde que êles dispõem de forças suficientes para tão prolongada porfia, a obrigação de todos os brasileiros é lembrarem-se de que acima dos caprichos do sr. Vargas está o Brasil.

Mesmo pondo de parte o lado humanitário do assunto, é necessário que o Brasil se persuada de que quem não tem dinheiro não tem vícios. Se a grande república sul-americana nadasse em pecúnia e satisfizesse rigorosamente os seus compromissos internacionais, vá que se desse ao luxo de uma revolução demorada, a-fim-de não desafinar no concêrto em que as demais repúblicas latinas do continente parecem andar empenhadas. Mas ter-se declarado em banca-rotta, suspender os pagamentos dos juros da sua dívida, para dispender agora cinqüenta mil contos diários em tropas, granadas e prejuízos resultantes da guerra, coisa é essa que não faz sentido algum e se me afigura desmarcada desfaçatez. Dura a brincadeira há cêrca de três meses. Com mais seis, segundo o cálculo do sr. Góis Monteiro, são nove. Duzentos e setenta dias de paralização na vida económica, de marchas e contra marchas, de fusilaria e bombardeamentos. Soma total: treze milhões de contos gastos em pura perda. Entretanto, os crêdores do erário brasileiro que vão curtindo privações de tôda a espécie, porque o govêrno do Rio se recusa terminantemente a pagar-lhes os dividendos na forma e no prazo a que se comprometeu...

Atente nisto o sr. Góis Monteiro, bem como nos milhares de existências humildes — outra riqueza — que seis meses de luta vão imolar ainda à teimosia do sr. Getúlio Vargas. Govêrno que necessita de nove meses para jugular uma revolta é govêrno que perdeu o pres-

tígio e o apoio da opinião pública. Há três meses que êsse ministério anda a dizer-nos, por intermédio dos jornais, que a revolução vai abortar. No fim de contas, vem de lá o sr. Góis Monteiro asseverar-nos que ela tem ainda meio ano de vida. Nove meses certos, portanto. Logo, já não aborta. Vai a têrmo. E o fruto da sua gestação tem de ser, fatalmente, a queda do govêrno, o qual se anunciou provisório para se instalar tão definitivamente que é preciso derrubá-lo a tiro.

E se o sr. Getúlio está condenado a cair, porque não há de ser já? Talvez fôsse ao poder um novo govêrno que administrasse melhor e pagasse a quem deve. Talvez os crêdores portugueses do Brasil vissem enfim resgatados os seus *coupons*. Talvez os nossos concidadãos lá residentes pudessem enviar às suas famílias o dinheiro de que estas necessitam para o seu dia-a-dia. Talvez, finalmente, conseguisse entrar de novo em Portugal o oiro que o nosso país costumava receber anualmente do Brasil.

E nem o sr. Góis Monteiro imagina o arranjo que essas librinhas nos fazia agora!

Marcial JORDÃO.

Nota — E' evidente que esta crónica perdeu a actualidade. Deveria ter sido publicada no número anterior, mas por vários motivos não pôde ser... Da nossa falta involuntária pedimos desculpa a Marcial Jordão e aos nossos queridos leitores.

NAS

Galerias Lafayette

da Rua Formosa — PORTO,  
todos os artigos teem um  
cunho parisiense inexcêdível

AUX GALERIES LAFAYETTE

## Balancete da semana

Preguiça? — Não: E' falta de dinheiro.  
Leitor, sabes o que é  
ver à porta o tendeiro,  
com ar feroz, a trovejar: — «Você  
não se resolve a liquidar o débito,  
que tem na minha casa?» —  
E o pobre Vate — que deixou o crédito  
apodrecer, e a quem a Vida arrasa,  
porque a respeito de Ventura, nicles! —  
nem um frasco de *pikles*  
pode trazer do estabelecimento!...  
Ai leitor! Com que enternecimento  
vejo as bestas trepar, ganharem foros  
de pessoas honestas, porque não  
devem nem um tostão...  
Camelos de nascença? Embora! — Adoro-os!  
Se Deus lhes deu a «massa» necessária  
p'ra que os credores mantenham,  
que importa que no seu Passado tenham  
só o exame de Instrução Primária?  
Falam-nos d'alto? Eles razão teem.  
... Não devem a ninguém,  
e é isso o principal,  
já dizia o meu velho...  
Pagam por ter dinheiro? Mas deixá-lo!  
Pagar é tudo. — O talento não vale,  
— aqui posso afirmá-lo  
sem receio de errar —  
a ponta dum chavelho!...

.....  
A ponta dum... O que fará dum par!

\*  
\* \*

Cinco de Outubro. Estralejam foguetes.  
Músicas, galhardetes  
e «muchas cosas mas»...  
Saem p'rá rua filhos e papás,  
a ver as tropas, cujas  
desfilam com aprumo e galhardia...  
Algumas caras sujas,  
— gente baixa da nossa Mouraria,  
gente sem cotação, —  
punham-se a olhar, com rara devoção,  
a bandeira encarnada  
e verde. — Já lá vão  
vinte-e-dois anos, — como o tempo passa!  
Quantos nomes varridos p'la nortada  
da Morte e da Desgraça!

.....  
— «Viva a República!» — alguém grita. — Vinha,  
em plena calmaria,  
cheia de ardor aquela voz festiva!

.....  
E ao longe, muito ao longe, em voz fraquinha,  
que mal se percebia,  
ouvi, por fim, um «viva»...

O folhetim do Janeiro. Arnaldo Gama e o clichismo

O nosso *Primeiro de Janeiro* vem publicando em folhetim «A última dona de S. Nicolau», uma das melhores obras de Arnaldo Gama, egrégio escritor e portuense ilustre, infelizmente esquecido dos velhos e completamente ignorado pela nova e desportiva geração.

Faz muito bem o *Janeiro* em divulgar o romance do criador de algumas maravilhas literárias, — como «Um motim há cem anos», «O filho do Baldaia», «O segrêdo do Abade», e outras igualmente valiosas, — mas nós duvidamos muito do êxito da sua publicação.

Quere o *Janeiro* que o folhetim seja lido por centenas de milhares de leitores? E' fácil. Basta aumentar o título da obra e anunciá-la assim: «A última dona de S. Nicolau e Trindade, ou a terceira volta a Portugal».

Vinho! Vinho! Vinho! O néctar dos Deuses

Aqui há tempos foi o nosso ilustre primo Dr. Samuel Maia que fez o Elogio do Vinho, agora é o *Osservatore Romano* que faz a propaganda do sumo da uva, chegando a dizer que o vinho é um preventivo infalível contra o cancro.

Aquela gazeta é uma espécie de *Diário do Govêrno* do Vaticano, e por isso, já os nossos leitores podem calcular o efeito daquelas afirmações entre os católicos apostólicos romanos, que se julgam no direito de rezar cada padre-nosso com meio litro do verdasco. Afirma mais o *Osservatore Romano* que Pio X era um grande apologista do vinho, chamando a esta saborosa bebida a vacina contra a cólera. Nós já eramos crentes, mas agora ainda mais arreigado sentimos o nosso fervor católico e não podemos admitir que, depois das afirmações de Pio X, haja ainda quem duvide da infalibilidade do Papa.

Os Papas fazem o elogio do vinho  
E o ingrato do vinho nunca fez o  
elogio dos Papas!

As belezas da nossa terra. A Costa do Sol

O nosso querido afilhado e ilustre director do *Janeiro*, quasi tôdas as semanas, na sua prosa elegante e fácil da Carta da Capital, nos descreve as belezas e melhoramentos da encantadora Costa do Sol.

Tôda a propaganda que se fizer aos Estoris é justa e alguns frutos se vão colhendo já da publicidade que se tem feito no país e no estrangeiro.

Por isso, querido afilhado e amigo, nada de desânimos, e nas tréguas que lhe deram as finanças e a cátedra, vá sempre apregoando as maravilhas da Costa do Sol, um dos paraísos lusitanos.

O que pode acontecer é que, alguém, ligando os ideais democráticos do doutor com a propaganda do Estoril, se lembre de lhe chamar o Afonso... Costa do Sol

HÁ OU NÃO HÁ?

# A CEGA-REGA DA CRISE

É sempre a mesma cantiga

Há crise? Não há crise?

Existe realmente essa famosa cava-lheira, ou o que se diz são tudo intri-gas do sôr Joaquim Sapateiro?

Há quem afirme que a simpática D. Crise se encontra entre nós há muito tempo. Mas também há quem garanta que é um boato malévolu espalhado pelos progressistas e pelos párias das Índias.

A MARIA RITA entendeu tirar o caso a limpo, consultando várias figuras em destaque no nosso meio literário, científico, comercial, económico e culinário.

Ouçamos as capacidades:

## Fala o Sr. António Borges

A nossa crise é o reflexo da crise brasileira. Podemos chamar-lhe a crise da feijoadada e do vatapá.

Nó dia em que os Getúlios se resolverem a mandar para cá as Libras, a crise em Portugal desaparece.

O que nos faz falta são as Libras. Dizem-me que há por aí muitas das tais chamadas carecas.

Ignoro. A minha idade já não está para me entreter com as carecas...

## O que diz o Sr. António Maria Lopes

Deixe-os falar. Não há crise nenhuma! A Moagem continua a moer, a dar trigo e a receber milho.

Eu toquei a reunir e consegui ver todos os moinhos reunidos na mesma obra bemfazeja de distribuirem o pão nosso de cada dia nos dai hoje... o pão sêco de ontem. Crise na Moagem? Pode lá ser! Pergunte-o ao Ribeiro de Carvalho.

## Perora o Dr. Ramada Curto

Há crise, sim senhor. As classes humildes, os pobres e desditosos proletários debatem-se numa agonia horrível, apertados entre as mãos da inexorável crise.

Quem os pode libertar dessas mãos criminosas?

Eu. Nós. O Partido Socialista!

E há quem se atreva a dizer que não existe a Crise?!

Ainda a semana passada, quando eu estava a jantar no Casino do Estoril, tive uma crise por me dizerem que já não havia mais lagosta!

Então, há crise ou não há crise?

## Discursa o Dr. Leonardo Coimbra

A crise é o Cosmos levado ao infinito. O comércio e a indústria inventaram a palavra crise para carregarem mais 30 por cento em todos os artigos. O comerciante fala em crise e tem automóvel; os industriais dizem que estão em crise mas teem amantes e bebem champanhe todos os dias, e os operários só se lembram da crise às segundas-feiras, quando estão no rescaldo do domingo.

Corações ao alto! Que a raça suba até ao Cosmos num êxtase de beleza!

## Fala aquela pessoa que nós sabemos

Eles queixam-se, lá isso queixam, mas que façam como eu. Quando eu vou à terra levo a roupa num baú de fôlha e o meu automóvel é o combóio. Há crise? Mas os restaurantes estão sempre cheios, e para ver chegar o Nicolau e o Trindade gastaram-se dezenas e dezenas de contos!

Quem é que usa calças com fundilhos? Quem manda gaspear as botas? Quem usa tamancos? Quem se contenta com uma posta de bacalhau?

Ai, meus amados irmãos, essa coisa da crise para cá não pega.

Façam economias. Eu dou o exemplo. Desde que tomei a chefia da casa, acabaram os banquetes e as comensinas.

Economias! Economias!

## O desabafo do Zé Povinho

Eu já economizei tudo que tinha a economizar!

Já economizei a carne e sustento-me com os ossos que trago por debaixo da camisa!

Economia! Economia! Mia, mia, lá isso mia!

Tenho uma fome... que até mia!



Boa resposta

Sentou-se certo sujeito

A' mesa de um café.

Quedou-se e encheu o peito,

Como se o ar lhe fugisse.

Vem o criado e pergunta:

— O que deseja o senhor?

— Eu... desejava sem pejo,

Agora ter um desejo.

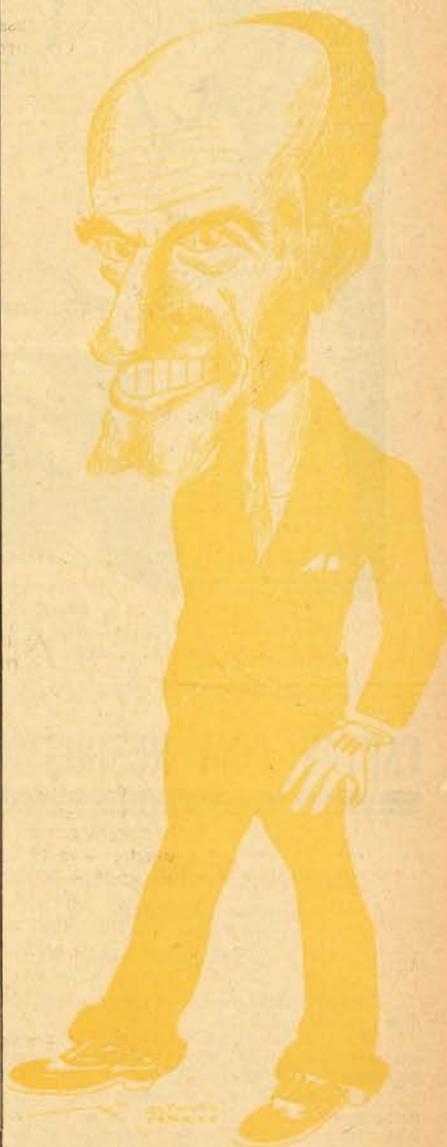
(Aveiro).

Zé MARIA.

PERFIS DO PORTO

XXIII

DR. CAMPOS MONTEIRO

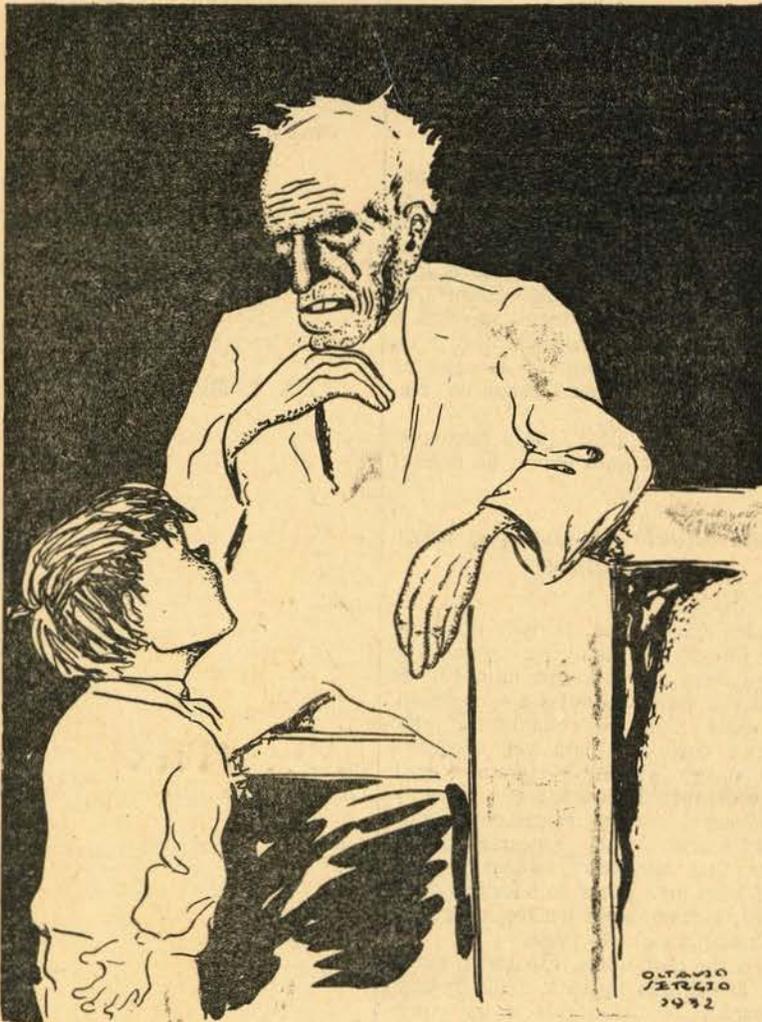


E' da casa... e nós somos modestos. Trata-se de Marcial Jordão, o nosso patriarca... e está tudo dito.

# A VIDA E A MORTE

XXV

## A OBRA PRIMA



— *E' verdade, meu avô, que o homem é a obra prima da Criação?*  
— *Ah! sem dúvida... mas com as emendas da polícia.*

## CARTAS COM RESPOSTA

I

### A uma alcoólica

Minha querida bagaceira:

Escrevo-te ainda sob os vapores alcoólicos duma grande «piela».

Não calculas como tenho sentido a tua ausência desde o dia em que apanhamos aquela grandecíssima «osga», na Bairrada.

Cumprindo o meu juramento de amor não tenho feito outra coisa do que beber do bom espumante nesta cidade de Lamego, e só lastimo o não ter aqui, a meu lado, a bêbeda da minha mulher, para assim completar este prazer pela «pinga».

Fui ontem ao Pôrto provar uma delícia de 1880. A garrafa até tinha cabelos brancos e marchou «que nem ginjas», tendo de vir acom-

panhado por um amigo que também aqui chegou completamente etilizado.

Na Régua, fomos convidados para beber e aquilo... foi sem medida.

Espero ir ao Minho, porque o nosso compadre de Caminha vai abrir um casco de «verde» que é duma pessoa ficar «azul».

Em Entre-os-Rios, Luso e Curia, as águas estão pouco animadas, preferindo-se o vinho sem água.

Aceita um apertado beijo pelo correio, do teu, sempre teu — *José Garrafão*.

### Resposta duma alcoólica

Adorado Decalitro:

Recebi a tua vinhática cartinha, à qual passo a responder com toda a geropiga do meu coração.

Pelo que me dizes, a tua viagem de inspecção às adegas do Norte tem marcado pela abundância de carraspanas, o que bastante me alegrou, só lamentando o não poder acompanhar-te nessas provas de que tantas «provas» me tens dado.

Eu tenho também apanhado algumas bebe-

deiras, e como vão fazer agora a semana «da uva», é natural que venha a seguir a «semana do roxo», e eu já convidei algumas amigas para um chá tinto de caridade, em Bucelas.

Estive ontem em Colares com os primos do Cartaxo; na volta, passamos por Carcavelos, e quando cheguei a casa vinha tão bem disposta «que me deu» para partir aquele rico serviço de Sèvres, que tu compraste há dois anos na Vista Alegre.

Agora, vou dar-te uma boa notícia: o vinho, aqui no carvoeiro, já está a oito tostões! E ainda dizem que a vida está cara!

Não te esqueças de trazer uma garrafa do licoroso e aceita muitos beijos da tua botija — *Joaquina*.

José ROSADO.



## Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia MARIA RITA:

Estás contente?

E' o que estimo! Ri-te, ri-te, Rita!

— Só a rir «grama» a gente a dura dita, Salvo o respeito à dita... dura in-gente.

O que nos vale é ter religião:

Amamos Deus — dará com fé inteira, Santa filo-Sofia é padroeira, E não negamos Papa que nos dão. (Mas como há pouca Papa, a gente toma O cheiro, — e a quem tem bôca vai aroma).

Angola, como sabes, com certeza, 'stá encravada na Africa, a Oeste, («Encravada» não significa têsá, — ¡; Oh! não!! — não sei se acaso percebeste...)

E' uma pequena Terra-sem-valor, Co'um milhão de milheiros de méritos: Uma miséria: uns poucos de palmitos: Uma horta de provincia... por favor!

A melhor qualidade que ela tinha Era uma árvore bela, fartos frutos, — «Patacas», — mas caíam em minutos Tantos, tantos, que alfim veio a morrinha.

Da fauna pouco resta já, coitada: Há uns cheiros de búfalos de leões; Mas há mais melros e outros passarões, E a Colónia anda sempre engalinhada.

Papagaios — é coisa que não falta, Pêgas de raça, há poucas — e são caras, Bois abundam, os porcos são às varas, Quanto a cação 'stá a Colónia alta.

De antigos cães é tal a profusão Como gatos por livros de Fazenda; Já se pensou em pôr alguns à venda, Mas não deram por eles um... tostão.

Quanto a produtos, temos — com fartura! —:

— A cêra, o marfim-deixa-correr, A água-da-Colónia (muito pura), E diamantes, que são p'ra inglês ver.

Adeus, MARIA RITA; estou certinho Que estas letras à vista hão-de mostrar-te O que é Angola, com engenho e arte, Envia-te um abraço o

Migue-LINHO.

# De capitalista ou alfacinha a capitalista ou homem honrado

Grande lita em 9 partes incompletas



José P. Lintra nascera capitalista. Vir-se à luz com este rótulo, é vir-se destinado a obrar em qualquer posição grandes empreendimentos, a ser um ente superior, um fino espírito, mesmo de vinho, um talento precoce, ou prócuo, e outras adjectividades, qualidades, e mais coisas que pegam em tôdas as «idades» — incluindo a do ouro, a dos cobres, e a do Sr. António Ferro. Mas o pior... — é que P. Lintra nascera capitalista mas pobre como Job depois que o Diabo — que é um grande maroto a pesar de muito boa pessoa —, o levou por maus caminhos. Enfim, êle era capitalista — por que nasceu na capital destas terras luz-i-tanas.

Mas êste capital, aliás como tantos outros, é um capital parado que, a respeito de juros, só conhece juramentos de bandeira, e juras de meninas cinéfilas e desolhadas, na parte final de cartinhas de namôro, com corações atravessados a pingar tinta reles.

Antes nascer em Paio Pires, onde ao menos, dão paio e um pratinho em que se coma, ou em Manteigas, que também é substancial.

Todos os dias, o nosso rapaz tinha o trabalho insano, inenarrável, desfotogénico, porque isto é fita, de passear desde o Campo Grande até à Baixa, da Baixa até o Bairro... da Alta, e daqui até onde muito bem lhe apeteça. Este serviço penoso e rude acabou por derreá-lo. Fazia dô e outras notas... de observação, ver o pobre ra-paz engordar consecutivamente, chegando a sua grande desgraça, coitadinho dêle, a ponto tal que pesava 68 quilos com 16 anos incompletos.

Misérias da vida! E aquele estado de abatimento para fora, acrescido da sua natural tendência para o trabalho em virtude de doença hereditária (o avô era cigano, o pai era desconhecido e a mãe já era muito bem conhecida), fê-lo incorrer no delito de pensar que precisava dum emprêgo — para descansar. Mas empregar-se em quê? E porquê?! E para quê?! Tan-

tos quês lembraram-lhe acto continuo uma fábrica de quêques, queijadas e quejandos artigos de bôca, por onde costumava passar, e passou para lá os passos perdidos, botando as botas ao passeio, com o fito de levar na fita o industrial, em tão boa altura que entrando com o pé direito escorregou com o esquerdo e esbarrou com o honrado cavalheiro da indústria, dando-lhe tal cabeçada no ab-do-homen que aquele não resistiu a tão bons modos, e acolheu-o com uma tremenda e entusiástica salva de palmas... em plena cara.

Amansada a borrasca e restabelecida a harmonia de bôca para bôca, Zé P. Lintra ficou na secção de queijadas, em atenção a ser êle o que arranjava melhor queijo (pesava 68 quilogramas). Com tanto juízo se portou, e em si tanta mão teve, que se manteve na casa e trabalhou esforçado e valoroso, e entre pasteis de côco edificou nova reinação que tanto sublimou.

O certo é que ao fim de um embaciado lustro o infeliz tinha abatido a mais 10:200 gramas, ou seja dois mil e quarenta num só dos anos, pêso líquido bastante sólido.

Ora como onde há fitas há mulheres, e vice-versa, aparece nesta altura e nesta largura do «écran», uma menina 99% fotogénica, linfática e auripilosa, D. Pastéia Rebuçado, filha estremera do conceituado industrial Sr. Quequiano Rebuçado, criador genial daquele e dos outros pasteis, mundial e universalmente conhecidos

em Lisboa e arre-dôres. E pouco a pouco, Pastéia Rebuçado, foi nutrido um doce sentimento (ela era muito doce!), que acordou na sua alma-dela as emoções que lá ressonavam. Mas o pai, varão férreo e antigo, de antes que brado que retorcido, opõe-se tenaz e vassouralmente à inclinação da filha! Não! Incliná-lo é descer!

— E descer, nunca! Ele, Quequiano Rebuçado — estava alto!...

*Nesta altura, não entra a policia, que entra só na parte seguinte, mas como a fita vai já na sexta parte gaga (150% fulada), é melhor ver-se o resto resumido no programa. Segue a cópia:*

« Afinal, descobre-se que o Sr. Rebuçado deitava coca nos pasteis, e a policia pôs-se à coca. Ele sabe-o, e como sábio que era, corre, vai ao cofre... e com a testa em brasa contesta que P. Lintra se resolveu a fazer uma viagemzinha a Vita-Diogo, com passagem por Pernas-Paraquevosquero, e «terminus» em Vou-Ali-Ijávoltto, levando a massinha tôda, tôda, naturalmente para a viagem, o que se compreende perfeitamente visto que se tinha dado ao incômodo de levar também a filha. Maldição!, brada o industrial enquanto lhe medra no peito uma angistia terrível. Brada! Medra! Mas de que lhe serve isto? Então, trágico, magnífico, super-produção, o Sr. Rebuçado dá um tiro nos miolos e faz testamento: deixa tudo aos pobres e o que sobra aos hospitalis. Êstes homens beneméritos e generosos, são como o combóio espanhol: quando *llegam, llegam!*

*Até aqui, são 8 partes. Falta uma, bem sei; mas a essa também podem ir os cinéfilos, que não pagam mais por isso.*

Migue-LINHO.

## PASSEIO ALEGRE

### O vício da rambóia

Felício Ferreira era brasileiro por condição e gôsto. Nascera cá na abençoada terra onde as cerejas não usam acento circunflexo, mas atravessara o mar por quatro vezes, e por lá se demorara muitos anos.

Mas nunca fôra feliz; era mesmo uma arrelia do seu nome que tanto se prestava para abrasileirar. Da primeira vez que fôra à terra das palmeiras ainda os pagamentos eram em ouro, e trouxera de lá, por causa disso, um pagaio que já sabia dizer umas asneiritas. Mas de dinheiro, nem pinga.

E já que falamos em pinga, sentimos a obrigação de lhes dizer que o Felício também era bêbedo. Julgo até que a sua mania das viagens por mar, se filiava no prazer de enjoar...

E da segunda vez, esteve lá mais tempo, e em lugar dum pagaio verde, trouxe para a terra natal — chegou na Páscoa — uma mulher, muito dêle, brasileira a valer e com uma paciência à prova de tôdas as bebedeiras do Felício.

De princípio, quando o vira entrar em casa bêbedo pela primeira vez, chorou; da segunda berrou, e da terceira... não pôde fazer nada porque êle não chegou a entrar em casa.

E quando no dia seguinte lhe perguntava as razões da bebedeira, êle

dizia sempre com aquele sotaque brasileiro tão macio:

— O' minina: E' qui eu bibêndo divago...

E se ela chorava e lhe dizia que o alcool arruinava a saúde, ou que êle assim ia parar bem perto, êle acudia:

— Tá besta! Então você não sabe o ditado qui diz: a divagar se vai ao longe?...

Mas isto assim não estava certo. De mês a mês, o vício do Felício ia em aumento. Agora já metade das noites as não passava em casa, ou por outra, aparecia de manhãzinha inda a cair. Quasi sempre era um amigo que o ia levar a casa, ou um companheiro menos torto.

E uma noite em que tardava mais, a mulher resolveu-se a ir procurá-lo: Foi ao tasco, a casa dos amigos, a todos os sítios onde poderia encontrá-lo, e por último foi à esquadra perguntar por êle. O chefe ouviu-a fazer a descrição do homem, ergueu uma sobrelceia em sinal de inteligência, e disse-lhe:

— Tenha a bondade de se sentar, e esperar um bocadinho. O seu homem não está cá; mas não deve tardar muito. Tôdas as noites o policia de giro vem reclamar a padiola para êle.

### Leitoras



— Que andas a ler agora?  
— «A Virtude»...  
— Já tive.



O representante da Academia das Ciências de Lisboa

COMO estava largamente anunciado pelos Zés Pereiras do costume, realizou-se no pretérito domingo a merecidíssima manifestação de aprêço às altas qualidades do grande semanário que dá pelo sonoro nome de *Ecos de Cacia*.

Como Vocelências *hadem* ver (isto de escrever asneiras pega-se como o sarampo) decorreu tudo na maior reinação.

Há muito que o *Ecos de Cacia*, embora se trate de *ecos de vozes que não chegam ao céu*, se tinha feito assazmente merecedor de esta grande homenagem.

A Pátria, e, sobretudo, MARIA RITA devem ao *Ecos de Cacia* favores que se não pagam nem mesmo com dinheiro.

Um país que tem *ecos*... de Cacia, é um país que tem direito a ser ouvido em todo o mundo, mormente numa época em que a Radiotelefonía é um facto, não obstante, como se diria lá na florescente Cacia, que o Vouga beija com toda a *filauca* e o talento polícromo do cronista avançanense atirou para todo o sempre para a Imortalidade asinina, sem a menor piada à Asia Menor, nem a qualquer outro continente de suspeitos conteúdos.

Damos em seguida as notas que o nosso enviado especial recolheu e que vai trocar em miudos.

O acto inaugural foi abrihantado pelas bandas da Bemposta e Angegense. A's três horas precisas saíu o cortejo

de Quintãs do Loureiro. Estralejavam foguetes com bombas de todos os tamanhos. A chegada a Cacia foi qualquer coisa de formidável. O luzimento do féretro dava nas vistas a todos os Cacianos. Das janelas pendiam colchas adamascadas e rostos formosíssimos. Ao chegar à praça onde se erguia o monumento estralejou uma fantástica girândola de foguetes coloridos, e as duas bandas atacaram as músicas com ardor. Uma tocou o hino do *Ecos de Cacia* e a outra a *fugida das gralhas pró jornal*.

Depois fêz-se um silêncio glacial. Foi então a vez do presidente da comissão dos festejos tomar conta da palavra. A presidência estava entregue ao velho correspondente de Avanca, que avançou, tremente e de lágrimas nos olhos.

A multidão era toda ouvidos quando ele começou:

*Minhas senhoras e ilustres varões:*

Na vida de um *home* há cada *faz* que intumescce a alma. A minha hoje está em *cris*. Esta *astmosfera* de congeminções que guindou o meu vulto à presidência da *cumissão* enfraqueceu-me a alma e não posso *preuniciar* nem uma letra.

E' imerecida a *omenage*. Ponto de interrogação. Vocês o dir-o-ão. Cá por mim *num* acho.

Mas, lá diz o adágio: Bois do povo, bois de Deus. E é tão incomensurable o meu intusiasmo que não posso deixar de berrar com toda a força dos meus músculos: Viva o *Ecos*! Viva!

(A multidão irrompe em vivas tremebundos).

No momento em que se vai destapar o *menomento*, sinto as meninas *umedas*. São lágrimas? Serão! Sê-lo-ão talvez, quem sabe? Mas é uma lágrima de fé cada que eu boto. De fé de-certo, porque jornais como o *Ecos* há poucos neste orbe, que o véu celestino incobre do infinito.

(A multidão atinge o delírio). (Palmas, muitíssimas palmas).

Resolutamente então o orador, avança para a estátua. Puxa o cordelinho e apa-rece o monumento que a nossa primeira página reproduz. Mais palmas, mais vivas, e as diversas deputações vão depor no soco as suas coroas, palmas e ramos. As bandas tocam uma para cada banda.

Feito novo silêncio, sobe à tribuna o director do jornal, impecavelmente metido num *frack* genial. Não bole uma môsca morta. E êle começa:

*Minhas senhoras e meus senhores:*

A Imprensa etinològicamente falando significa uma das grandes actividades humanas. Ela vence aprumado todos os obstáculos e tem por fim progredido. Mas se serve de armar traiçoeiramente alguém então descarrila da sua marcha, cai no descrito e morre. O uso da imprensa é antiguis-simo. Os gregos tinham as suas *esfeméridas*. Os romanos os *anais*, e Cacia o seu *Ecos*, por que esta vai na vanguarda de todas.

O Panorama internacional é ameaçador. A Pátria precisa de paladinos como o *Ecos* para o seu engrandecimento é progresso pois agora mais que nunca.

O *Ecos*, exactamente como o homem em face da civilização caminha de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento até atingir o limite máximo.

Caminhar para a Luz é o seu aneio, o seu anheio. Auxiliemo-lo pois nessa vontade, como é obrigação de cacienses ou não cacienses.

Por muitos *Ecos*, do "Anos" irradiará a luz civilizadora que imude os cérebros dos seus leitores.

Viva o povo desta terra e da limítrofe! Viva! (1).

(1) Garantimos que este discurso é todo feito com frases do jornal.



O representante da Academia das Ciências de Catumbela

Então foi o auge, o fim do mundo. Os foguetes já estalavam sem ninguém lhes chegar fogo; e os instrumentos já tocavam por si em todas as notas.

E' então a vez do redactor principal e editor do *Ecos*. Conhecidíssimo pelo seu palavreado finíssimo, o seu discurso é esperado ansiosamente.

Reproduzimo-lo na íntegra:

Dia de gala, festival e pulcra. A natureza pródiga alanceia maravilhas nos seios úberes das gentes afadigasas e bem-falantes de Cacia! Ri o sol por de além das nuvens borrasquentas e encovadas, tendo-se até partido de longada. Retinem as sinetas das ermideinhas branquejando, os cor-deirinhos de Nosso Senhor balem descompasadamente na aleluia mórbida das tardes que fenecem rejuvenescedoras.

Por Cacia! Por Cacia! E' o grito jovial dos gritos alcapremados. E' o troar dos canhões pela voz dos seus maiores. A Berta, a Mariana, o 75, o 42!... Oh! Todas as mulheres caciasas sentem pelo *Ecos* o amor de mãe, apanágio dos corações diamantinos.

O dia de hoje corre incompreivelmente!

O' vós que me escutais: Dizei-me se a obra que vimos tratando em arabescos su-

blimados, construindo em todos os tons imagináveis, não é a continuidade fremente de um sonho muito esbelto.

Dizei-m'o e depois morrei se assim julgardes.

Por Cacia! Por Cacia! Tenho dito.

### Cartas e telegramas recebidos

«Neste mumento, venho abraçar o meu prezado amigo José Marques Damião, Director do "Ecos de Cacia".

Porque, me lemdro de que o seu conseituado jorna conta hoje no caminho da umbradêz, mais um ano da sua existencia, desembrenha-se o meu jubilo.

Envocando ao seu Director de que esta comumoração se repita por largos anos, para defeza da nossa querida terra, e terras limitrofes.»

Manuel Rodrigues Gomes.

«Nesta data vive-se a comemoração do "Ecos", defensor acérrimo dos interesses da sua região, tem mostrado bem a dedicação que sente pela prosperidade da linda terra portuguesa banhada pelo Vouga "Cacia".

Manuel Rodrigues Gomes.

Apesar do "Ecos" ainda ter inimigos, inimigos êsses antibairristas, eu faço votos para que segua sempre como tem seguido até hoje.»

Alvaro Pinto de Sousa.

Eu te saúdo Damião! No meu canhenho de um vagabundo" anotó com "passadas de erradio" a vossa alcandoração aos pináculos da devoradora humanidade.

Ricardo Jorge.

Rehabilitação, não! Justiça apenas a

Defesa de Espinho.

No sopé do monumento foram em seguida, depostos numerosos ramos e coroas, pelas diversas deputações que assistiram ao acto. Damos nota de algumas dedicatórias:

«Ao eterno defensor de Mataduchos e Alumieira.

O Povo agradecido.»

«Ultimo beijo do

Correspondente de Avanca.»

«Eterno Adeus dos

Industriais de Danificação.»

«Ao glorioso colega; obra prima do português de antanho a

Imprensa da Região do Vouga.»



Em nome das escolas avançanenses falou o aluno mais distinto

«Saúdações de além-túmulo

Conselheiro Acácio.»

«Saúdades sempre vivas ao seu melhor colaborador

MARIA RITA.»

«Abraços para todo o sempre ao colega improbo

«Povo de Penafiel.»  
(Jornal)

«Daqui saúdamos grande hebdomadário, exemplo e espelho de todos os semanários que se prezem

«Comércio de Gaia.»  
(Jornal)

«Seguir-te-emos, "Ecos de Cacia" as pisadas até ao fim do mundo

«Gazeta de Arouca.»

«Mexo-me no túmulo. Salvé "Ecos", continuador da minha obra

P.º António Vieira.»

«O' meninos é uma prosa de encher o ôlho!

João Maria Ferreira.»

«Canudo, Mãe, são parôlos!

Estevão Amarante.»



## As jornadas de domingo

Domingo nasceu de camisa à *sport* e calça branca, risonho e bem disposto a compartilhar nas manifestações *sportivas* marcadas em sua honra.

De manhã, entre outras coisas, houve na Constituição dois desafios de:

### “Hand-Ball”

Jôgo êste manipulamente jogado e que para o demonstrar os seus praticantes exibiram as manípulas abertas (isto quer dizer... à chapada), e para variar também houve quem quisesse matar o bicho e pregasse uns pontapé-zinhos nos respeitáveis adversários.

E ainda há jogadores de *Hand-ball* que dizem mal do *Rugby!*

De tarde, no Ameal:

### “Foot-Ball”

Continuou a disputa do torneio que já está iniciado e que se chama: *Iniciação*.

Jogaram como puderam o Salgueiros-Progresso e o Leixões-Académico. No primeiro, ganhou o Salgueiros por 3-2, não tendo morrido ninguém (graças a Deus).

No segundo, o Académico venceu por 2-1, coisa que não é de estranhar, porque os de Leixões são homens de... vida ao ar livre e com fôlego para dar e vender a prestações com bonus.

Na Constituição:

### “Foot-Ball”

O campeão fêz a sua estreia no Pôrto, jogando contra o desunido União de Lisboa, vencendo-o por 3-0, resultado êste conseguido como em saldo fim de estação.

Viu-se bem que foi estreia, pois que se notou uma grande falta de ensaios na parte mais que perfeita do conjunto, que é a linha da frente.

Esta linha esteve quási sempre desalinhada, quem sabe se pela falta do fio de prumo, que é Acácio, *El Mesquitiz*.

Contudo temos que perdoar-lhes, pois que tem tempo de fazer aquelas “cousas”, que nós tão bem lhes conhe-

çamos, durante a época que está no seu comêço.

Assim o esperamos.

\*

A seguir p'r'o Lima.

### “Dirt-Track”

Êste *sport* motociclístico faz muito mal às tripas dum cidadão que não seja demasiado pacato. E' por isso que se chama *Dirt-Track*.

E' de-veras excitante sendo feito principalmente por um homem como Bellissent, “O sempre em pé” do *Dirt-Track* sem cheiro.

Desta vez houve uns trambolhões com passagem gratuita até ao Hospital e umas arranhadelas que são consideradas como medalhas de serviços bem prestados.

Não chegou a acabar por ser já noite cerrada e um pequeno na bancada ter dito à mãe que eram horas de ir dormir.

Por tal motivo realizou-se outra demonstração na quarta-feira, que nos satisfêz e deixou saúdes por ser tão pouco.

Mas Mr. Biolley, prometeu-nos que voltaria e nos mostraria mais e melhor. Aguardamos...

Como V. S.<sup>as</sup> vêem, estas e outras coisas *sportivas* que se realizaram e que para as mencionar seria preciso todo o jornal, veem mostrar à evidência que em Portugal se faz muitíssimo *sport*, o que não se sabe é como.

## Carteira elegante

Abrimos hoje esta nova secção, com uma participação de casamento que nos foi enviada:

D. Julia Carolina Paletti Cosmelli Lino d'Abreu participa o casamento de sua filha D. Cecilia Gianone Facchinetti Bruzarchio Paletti Cosmelli Lino d'Abreu, com o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Arthur Mendes d'Almeida Pacheco d'Andrade de Gouvêa de Souza e Tavora, filho da Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Elvira Ermelinda Ribeiro Guimarães (já falecida) e do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Arthur da Costa Mendes d'Almeida, Coronel d'Engenharia.

MARIA RITA honradíssima com a participação-miscelânea recebida, faz votos para que o futuro casal de pombos arrulhe eternamente e formula uma pergunta apenas:

— Quem é o pai da criança?...

Sim; porque não sabe, nem isso diz a participação, donde é que o noivo perdeu o Pacheco, o Andrade, o Sousa e o Tavora. Além disso ainda tem os de de. Não haverá por lá, também uns *ques*?...

Aqui mora a sabedoria!...

Bestialíssima secção de informações, conselhos, lições e indicações úteis.

Aqui se diz de tudo quanto possa interessar aos leitores de MARIA RITA!

Preguntando num simples postal o que desejas saber, logo sereis atendidos com uma resposta formal. Aqui tudo se descobre e ensina e para melhor, as consultas são à «borla». Toda a correspondência deve ser endereçada à secção «Fiat Lux» Redacção de MARIA RITA, Rua do Almada, 107-2.º — Pôrto.

### I LIÇÃO

#### Como se faz uma gaiola

Como ainda não foi descoberta qualquer máquina para fazer gaiolas, estas ainda hoje se fazem à mão. Há gaiolas para diversas aves e de várias espécies, tais como: De arame, de ferro, de cana, de vidro, de pau, etc. As mais interessantes são as de pau e é destas que vamos tratar:

1.º Pega-se no pau, que pode ser de carvalho (mesmo sem Barbosa) castanho, cerejeira, ou outro qualquer, e tira-se-lhe a casca toda.

2.º Se o pau estiver torto endireita-se com a acção do calor, pois são muito feias as gaiolas com os pauzinhos tortos.

3.º Racha-se o pau em quatro e raspam-se muito bem as quatro partes, por dentro e por fora. Findo êste trabalho, que deve ser feito com toda a precaução, retalam-se os quatro fragmentos em bocadinhos que depois se seleccionam de maneira que fiquem com um feitio parecido com as janelas da Relação.

Convém para que os passarinhos não se piquem, não usar pregos. Há uma cola muito boa, denominada «cola de gaiolas», que qualquer droguista tem, que dá excelentes resultados.

Depois de feita a gaiola, convém livrá-la do sol, para a cola não derreter.

A indústria de gaiolas é hoje uma das mais rendosas e emprega muitos milhares de pessoas de ambos os sexos, motivo porque aconselhamos toda a gente a que aprenda a fazer gaiolas tanto para avestruz, como para águias, papagaios, galos, galinhas, mósas, mosquitos, ou grilos,

OLEGNA.



## Posta restante

*Perjuro* — Pode adquirir os jornais nesta Administração, Rua do Almada, 107-2.º

*Sepot* — E' provável que tenha acontecido à sua glória o que diz... Mas lho que não foi por mal.

Um ósculo na face.

*Paulo de Cócoras* — Recebemos e agradecemos. O que não podemos desde já, é publicar o que enviou. Bem feito? Certamente... mas parece escrito a tinta vermelha! Não terá o amigo, porque desde já assim o consideramos, um outro frasco de tinta menos... rosada. Bem vê: a MARIA RITA, a-pesar-de matrona, é sempre uma senhora...

Obrigado pelas boas palavras. Nada cá apareceu em tempos como diz. Talvez fôsse para outro lado.



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Estou com dor de dentes.

Eu não sei se tu, que ris tanto, e por isso mostras com frequência a tua rija dentadura, já passaste pela tremenda tragédia de ter uma dor naiguma das tuas trinta-e-duas pérolas...

Com certeza que não.

E Deus te poupe, querida, a semelhante horror.

Por mim, tenho sido um mártir. Comecei aos urros em consultórios quando tinha nove anos; e agora, volta e meia, lá vou urrar, urrar desesperadamente, nas mãos aliás pacatíssimas e sapientísimas do Dr. Pereira Varella. Nem esse bom amigo imagina como eu o odeio quando, pálido e tremulo, o olho de cadeira!

Pensava falar-te nesta carta do fim da revolução brasileira, — e dos engulhos que esse triste fim causou por cá; pensava dedicar ao Gandhi solenes parabéns pelo seu nobre gesto de dar que fazer ao aparelho digestivo; graves problemas internacionais, ingentes casos do nosso viver, solicitavam a minha atenção de cronista, e flutuavam já como nata no meu tinteiro — que esta tua caneta converteria em requeijõesinhos para te mandar. Mas aí! No melhor da festa, — desatou-me a doer um dente. A Europa, a Ásia, a África, a América, e mesmo a Oceânia, sumiram-se para um segundo plano tão remoto, — que nem que eu quisesse falar-te de outra coisa tódas as minhas circunvoluções se recusariam. Quem é que se importa três caracóis com o plano quinquenal, — quando um nervozinho bolchevista desata a retorcer-se-lhe nas profundidades de uma gengiva?!

Ninguém! Napoleão ganhou Austerlitz porque era um grande general, tinha muita sorte guerreira — e não lhe doíam os dentes. Desafio o próprio Emil Ludwig, seu enlevado e recente historiador, — a demonstrar-me o contrário.

E aqui me tens, MARIA RITA, desanimado, revoltado, entristecido; a achar o mundo, e a achar-me a mim próprio, sem piada nenhuma. Isto no momento em que eu tanto queria ter graça, — a ver se me caía um dente; o que me dói...

Confessemos, aqui que ninguém nos ouve, que o homem é em verdade uma obra prima. (Emprego a expressão no sentido lato, que é aquele em que — o homem — também é — a mulher —; não fiques a querer-me mal por isso). Sim. E' uma obra prima. Mas não há bela sem senão, e o senão dessa maravilha é justamente: — a dentição.

Nunca pensaste nisso?

Pois pensa, e verás.

Em cada indivíduo que nasce, nasce logo tudo aquilo de que esse indivíduo há de fazer uso, melhor ou pior, pela vida fora.

A ninguém aconteceu nascer sem olhos, — e ir deitando olhos pela infância adiante.

Tudo o que eu tenho, tudo o que tu tens, nasceu respectivamente comigo e contigo. O decorrer do tempo trouxe sem dúvida modificações, aumentos, e progressos, — mas sem nenhuma essencial modificação.

Talvez tu nasceste careca; talvez eu, que nasci cabeludo, careca venha a ser; mas ambos nascemos com coiro cabeludo (salva sejam!), e ambos com êle morreremos, se não nos der na timba ir guerrear peles-vermelhas. E sempre, sempre, o povoamento ou a desolação capilar se fizeram sem dor, num insensível, progressivo e descuidoso caminhar da própria natureza. Mais pêlo de aqui, mais pêlo de acolá, a humanidade adulta é como era ao recém-nascer... Lá diz o grande Catulo Cearense:

«o pinto já sahe da casca  
com a pinta que o galo tem».

E' verdade. Verdade em tudo. Simplesmente,

sai com a pinta, mas não sai com os dentes: — aí é que me dói.

Para êsses, — que são a grande jaça na obra da criação — o inferno começa aos 4 ou 5 meses. E acaba na tumba, para os justos; porque para os pecadores, lá há de haver no inferno várias dentições de sobreceleste.

Não. Não há explicação. Se cada mão, que tem só cinco dedos, já nasce com todos cinco, — porque é que a bôca, que tem 32 dentes fora alguns adventícios, — nasce sem nenhum? Porque é que nenhum dos nossos órgãos cai alturas tantas para vir outro igual substituí-lo, — e só os malditos dentes, pensamente nascidos, caem para tornar a nascer? Ninguém me responde a isto. E mais. Tudo nos pode doer, visto que a dor é condição humana. Simplesmente, nada nos doe sem a gente ter feito tolice. Atiçou-lhe num piteu? Doi-lhe o estômago. Trabalhou demais?... Doi-lhe a cabeça. Entalou-se numa porta? Quis pendurar um quadro e não martelou só no prego? Doi-lhe nm dedo. E é bem feito. — Mas fazes favor de me dizer que mal fiz eu a este dente para me doer assim! Nenhum! Se é de lhe meter a escôva — porque é que é só êle que se queixa, e só hoje?

Não, MARIA RITA. Aqui anda manigância do Demônio. No Paraíso, um divino capricho fêz nascer o homem logo de tamanho natural; — seria um contrassenso imaginar que o excelente Adão e a magnífica Eva, adultos recém-nascidos votados a tódas as suavidades edênicas, — tinham 32 dentes cada um; porque se os tivessem, o Paraíso seria tudo menos o Paraíso. Foi o Diabo. Amigo Satan, ao oferecer a maçã, tirou do próprio corpo trinta e duas escamaziñas, e espetou-as, subtilmente, na boquinha rósea da nossa Veneranda Mãe; Adão, vendo aquele ornamento falcante no sorriso da sua consorte, foi atrás do chôro e fêz o mesmo. E aqui tens. Sem dentes, nunca êles teriam comido o que comeram. A maçã, como é sabido, é o fruto mais duro de roer no reino vegetal.

O que depois se seguiu, todos o sabemos. Expulsos do Paraíso, Adão e Eva tentaram, de-certo arrancar os dentes — que entretanto tinham criado raiz, como todo o mal. E assim ficaram para todos os séculos dos séculos, a seringar a existência de quem, como eu, se estivesse no lugar de Adão, e soubesse o que sei hoje, — antes queria passar sem pecado original do que escamar-me a padecer com trinta-e-duas escamas de Belzebu.

Ah, se ao menos eu fôsse couraçado, como um homem que eu conheço! Invejo-o, neste momento, com tódas as veras da minha alma. E' pedreiro. Andava em minha casa a trabalhar num muro; ao chegar, de manhã, junto dêle, achei-o pálido e com olhar colérico. Perguntei-lhe o que tinha. Respondeu-me que era um... dente. (As reticências substituem a árvore genealógica do dente, árvore que êle definiu em poucas palavras de poucas letras). Pouco depois, atirou com o seu martelo ao chão, e disse apenas: «— Vou tirar êste... (outra vez a árvore genealógica.) — Aonde?» «A Vizeu...» (isto passava-se em Parada de Gonta, que fica a 3 leguas). Foi. Ao chegar a Fail, aldeia a um tço do caminho, encontrou um conhecido que lhe inculcou certo barbeiro habilíssimo; procurou-o, e o barbeiro com uma torquês tirou-lhe um dente. Quando ia a voltar para o seu e meu muro, notou que a dor continuava; lá lhe palpitou que o barbeiro errara, e continuou para Vizeu; por alturas da estrada que leva a Vila Chã de Sá, encontrou outro barbeiro; tornou a acreditar, ingenuamente. Ficou sem outro dente, por acaso inofensivo. E lá foi para Vizeu onde, finalmente, um dentista lhe tirou aquele que, verdadeiramente, lhe doía. — Voltou à meia tarde a trabalhar alegremente em minha casa.

Aqui tens, o homem que eu invejo! Invejo-o com a lucidez de quem, quando vê uma broca, sente a alma refugiar-se nos calcanhares. Invejo-o

com uma alma sonhadora que, acima de qualquer sonho de glória, de qualquer ambição de fortuna, de qualquer conquista espiritual ou terrena, — hoje suspira por um mundo que não êste mundo, e onde os homens, logo ao nascer, tragam na boquinha inocente uma dentadura postiça.

Lamenta o teu dedicado

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

## Famalicão em Festa

### Grande concurso hípico e grandioso Baile

No passado domingo, Famalicão, a risonha Vila dentre Ave e Cávado, esteve em festa.

Estava marcado para as 16 horas um grandioso baile com a inscrição dos melhores cavaleiros, mas o tempo não permitiu a sua realização, que foi adiada para melhor tempo. A chuva da véspera tinha alagado por completo a sala de jogos, e o perigo de derrapagem era iminente. Bem fizeram os seus promotores, adiando-o. Em compensação, à noite, teve lugar o concurso hípico, que esteve extraordinariamente concorrido. As 10 horas começaram a chegar os primeiros concorrentes. Pouco depois a sala apresentava um aspecto surpreendente, vendo-se *toilettes* do último modelo, e o engenheiro Brito de casaca, irrepreensível.

Começou, como não podia deixar de ser, por um galope fantástico. Depois os pares andaram pela sala a *fox-trotar*, tendo ganho o primeiro prémio o formidável hipista Armando Guimarães.

Não houve desastres pessoais, e o serviço foi primoroso, tendo-se depeñado um peru em menos dum Padre Nosso.

Consta que o baile se repete amanhã, se o tempo o permitir, e os cavaleiros inscritos são o que há de melhor no género. — C.

## Amor mudo

Namora uma mulher, à beira mar...  
Por ela, também sou correspondido,  
Apenas no olhar, bem entendido,  
Pois só assim podemos namorar!...

Uma forma d'afecto singular...  
Não é preciso a fala, nem o ouvido...  
O amor que deve ser mais preferido,  
E' aquele que nos sai do nosso olhar!...

Muitas vezes a fala tem o fim  
De alguém dizer aquilo que não sente...  
E a fala é sempre tola, sendo assim!...

Mas, êsse eterno olhar, tão inocente,  
Tais coisas êle diz, que sinto em mim,  
Já ter uma paixão d'amor ardente!...

Alfredo Cunha (RAZA).

**GLOSAS:**

Deu a Cristo tão maus tratos  
(Ele e o Herodes amigo)  
Que, com franqueza eu o digo,  
*Eu não sei como Pilatos*  
Co'a vileza dos seus actos  
Conseguiu, mesmo em segredo,  
Colocar-se no enredo  
E, perturbando a cabeça  
Do autor da Sacra Peça,  
*Pode meter-se no Credo.*

**Elmano Otrebla**

Concorrentes com 1 ponto:  
**Amaral, Elmano Otrebla.**

Concorrentes que obtiveram  
um voto de louvor:

**Luigi Morelli, Sepol, Ardotos, João da Sé, Horrível, Olegna, Lizé, Saramago, J. A. Costa, Amaral, Amarantino.**

Fugir à fé dos contratos,  
Em todo o tempo foi visto...  
Mas, que entrasse em lei de Cristo,  
*Eu não sei como Pilatos.*  
Entrou sem dar desactos!...  
Talvez que o levasse o medo  
Do diabo, algum enredo  
Que o pusesse em vil demência,  
Assim, com esta prudência,  
*Pode meter-se no Credo!!...*

**Alfredo Cunha (Raza).**

A' mente já dei mil tratos,  
Rimando à doída e às cegas,  
Mas... nada, caros colegas!...  
*Eu não sei como Pilatos*  
Me obriga a fazer tais actos;  
Deixou-me a chuchar no dedo,  
A magiar neste enredo  
Uma noite e um dia todo,  
Sem me dizer porque modo  
*Pode meter-se no Credo.*

(Santo Tirso).

**Adriano X. Nel.**

Se Cristo sofreu maus tratos  
E foi dos homens corrido,  
Morto até e escarneado,  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Que à turba dos insensatos  
Não soube impor-se com medo  
E consentiu mudo e queado  
Que a mesma o crucificasse,  
Muito embora as mãos lavasse,  
*Pode meter-se no Credo!*

**Licínio Guimarães.**

Eu, sou homem dos flatos...  
A's vezes da-me na bôlha  
Fazer de pintor... — Um troilha...  
*Eu não sei como Pilatos...*  
— Não passo d'um «pinta-ratos» —  
Mas afirmo, sem ter medo  
De ser apontado a dedo...  
Que por Jesus ter sofrido,  
Pilatos, o ter consentido,  
*Pode meter-se no Credo.*

**Perjuro.**

Nesta vida só d'ingratos,  
Tôda cheia d'ambições,  
D'invejas e poitridões,  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Entre tantos desactos,  
Dum povo cruel e tredo,  
Arrogante, vil, sem medo  
De Jesus, o Redentor,  
Luz da vida, eterno amor,  
*Pode meter-se no Credo.*

(Penafiel).

**Saramago.**

Por causa de amigos «chatos»  
Houve um crime há muitos anos;  
Causou então, muitos danos...  
*Eu não sei como Pilatos.*  
Seguiu uns tais carrapatos.  
O pensar dele foi tredo  
E eu de mim o arredo.  
Inda ninguém teve o sonho,  
Como aquele homem medonho  
*Pode meter-se no Credo.*

(Acelro).

**Zé Maria.**

No Brasil, os desactos  
Que estão prestes a acabar,  
Teem dado mui que falar,  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Lá no meio dos mulatos,  
Conseguiu dizer: «arredo»  
Da minha frente, e te veio,  
O' guerra tão maldadada!...  
E só com esta tirada  
*Pode meter-se no Credo.*

(Gaia).

**Sepol.**

Aos bêbés encoirapatos  
Aos bêbés de purp... urino,  
Diz «Mari-Rita» ladina:  
— *Eu não sei como Pilatos*  
Vos deu seu nome, gaiatos!  
Esta cisma não arredo  
E baixinho vos segredo:  
Que penso há já mais d'um mês  
Como foi que quem vos fez  
*Pode meter-se no Credo!*

(Acelro).

**Olegna.**

Nesta escola de novatos  
Já todos querem glosar  
Para o premio apanhar,  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Que não foi dos mais pacatos,  
Que eu nem sequer arremêdo  
E uma tal ideia arredo,  
Para a glosa desse o mote;  
Mas também Escariote  
*Pode meter-se no Credo.*

Os concursos são ingratos,  
Mas foi f'lix o Amaral,  
E agora, por sinal,  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Que não foi dos mais pacatos,  
Metê o nariz nestes actos,  
De figura de Tancredo,  
Sem ter vergonha nem medo.  
Por ser muito descarado,  
Um velhaco, um arrojado,  
*Pode meter-se no Credo.*

**Tónio**

**Calus.**

Sons vagos e abstractos  
Tempos jdos já distantes  
Agora não é como dantes  
*Eu não sei como Pilatos.*  
Se enganou nos contratos  
Sendo um sábio, um aedo,  
Ficou pasmado, mesmo queado  
Não querendo fazer mal,  
Não sei mesmo como tal  
*Pode meter-se no Credo.*

Nestes tempos caricatos  
Já não há em quem fiar,  
Onde ir isto parar  
*Eu nem sei como Pilatos.*  
Não se firmou nos contratos,  
Firmados com punho queado  
Sendo êle sábio, um aedo,  
Não se comparando a quele,  
Nem sei mesmo como êle  
*Pode meter-se no Credo.*

**Reirobi.**

**Reirobi.**

Tem minha sogra aparatos  
De andar co'migo a «pegar»  
Nas questões das mãos lavar  
*Eu não sei como Pilatos*  
Aos seus insultos ingratos  
Logo o caminho lhe vedo  
E as suas frases «arredo»  
Por ser uma malcriada  
Mas não sei como a malvada...  
*Pode meter-se no Credo.*

**Asódias.**

Meu sogro é um dos beatos  
Que tem perfeita perrice  
Mas se é «impostorico»  
*Eu não sei como Pilatos*  
Na conversa é dos mais «chatos»  
A' qual eu caminho vedo  
A's vezes até o «apedo»  
De ser prafeito casmurro  
Pois não sei como ãsse burro  
*Pode meter-se no Credo.*

**Vensódias.**

Desconheço os aparatos  
Dos velhos dogmas cristãos  
E lavar as próprias mãos  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Há gestos muito sensatos  
Que eu nem por sombras remedo  
E da minha norma arredo!  
Vejam lá o que é o destino...  
Pilatos, sendo assassino  
*Pode meter no Credo!*

**Ardotos.**

Não fazendo desactos,  
Levando as coisas a bem  
Neste constante vai-vem  
*Eu não sei como Pilatos*  
Ao praticar os seus actos,  
(Eu no caso não me enredo)  
Mas nem tão pouco m'arredo,  
Da discussão a valer,  
E' falso e não pode ser!...  
*Pode meter-se no Credo.*

**Delfim de Freitas.**

O' rapaz!... Olha os extractos!...  
Um dos gatos, pra os lambes,  
Já p'raí se foi meter!...  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Tão burro pra cacar ratos,  
Tão morrinhento, tão queado,  
Ganha tino e perde o medo  
Pra se «meter» na geleia!...  
— Também Pôncio da Judeia  
*Pode meter-se no Credo!*

**Amaral.**

Tenho tido grandes flatos  
Por causa do catecismo,  
E de longe em longe cismo:  
*Eu não sei como Pilatos*  
Se livrou de desactos!  
Quando imito é que arremêdo;  
Por esta senda enverêdo  
Afirmando que o manhoso  
Por ser astuto raposo  
*Pode meter-se no Credo!*

**Tito.**

Ignorei sempre os tratos,  
Porque passou o «Rabi»  
Da Galileia até aqui,  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Pôde cometer tais actos,  
(Ser assim tão falso e tredo)  
Sei muito bem que é segredo,  
Pertencente à velha História,  
Por isso assim sem glória,  
*Pode meter-se no Credo.*

**Rei Louro.**

Faz-nos ficar abstractos  
Este mote, para glosar  
Por mais que torne a pensar,  
*Eu não sei como Pilatos*  
Mas para espalhar flatos  
Vou ver se tudo enredo,  
A minha mal eu segredo,  
Que gostava ser sabedor  
Como foi que esse senhora,  
*Pode meter-se no Credo...*

**Amarantino.**

Sei que teve, em vida, actos  
De Amor e Abnegação;  
E por tão raro condão,  
*Eu não sei como Pilatos*  
Não lhe infligiu maus tratos!...  
Foi um homem que, mui cedo,  
O mundo altrou, sem medo,  
O exemplo mais completo:  
Sempre por caminho recto  
*Pode meter-se no Credo!*

(Seia).

**Agá Larbac.**

Pretorianos gaiatos,  
Porque insultais Nazareno?!  
Resposta, do mais pequeno:  
*Eu não sei como Pilatos.*  
Usa de Cristo os sapatos!...  
Do roubo a ideia arredo,  
Mas pensamentos degreedo,  
Mas, dizem as leis de Moisés,  
Que, Pilatos, lavando os pés,  
*Pode meter-se no Credo.*

(Gulphilharis).

**Luigi Morelli.**

Homens, judeus e ingratos  
Das suas paixões cativos  
Desses tempos primitivos  
*Eu não sei como Pilatos...*  
Que fez tantos desactos  
Salvo seja; eu te arredo...  
Do meu caminho, onde quedo,  
Admirado a cismar  
Que depois de tam mal obrar  
*Pode meter-se no Credo.*

**Octavia Maria.**

Segundo velhos relatos,  
Das Sagradas Escrituras,  
Livrar-me das «aperturas»,  
*Eu não sei como Pilatos.*  
Se me meto em desactos,  
Eu sempre fixe me quedo,  
E nem as culpas arredo,  
Que possam vir-me a caber;  
Pilatos soube-se haver...  
*Pode meter-se no Credo...*

(Trancoso).

**Zé Barão.**

Sem argumentos nem factos  
A julgar, teima que podes...  
Eu não sei como Herodes,  
*Eu não sei como Pilatos.*  
Se me meto em desactos,  
Nestes versos bem pacatos  
Eu a minha culpa enredo  
A' espera dos louros queado,  
Qu' MARIA RITA exclame —:  
Qu' este agora também mame  
*Pode meter-se no Credo.*

**Zéfirinho.**

A' cabeça dou maus tratos  
Julgando vossa facanha,  
Leite, Barbosa, Artimanha,  
— *Eu não sei como Pilatos*  
Julgaria com tais factos —  
Vosso informe não arredo,  
A' espera dele me quedo  
Como é que que grande fita...)  
A nossa MARIA RITA  
*Pode meter-se no Credo.*

**Zéiro.**

A seu primo Zé de Matos  
Fêz engulir um «chourigo»  
Ainda fez mais que isso...  
*Eu não sei como Pilatos.*  
Sem usar botas, sapatos  
Fêz «aquilo» ao Alfredo!  
Ao padreiro Roboredo  
Que era pessoa boa  
Papou dele uma,horra  
*Pode meter-se no Credo.*

**Horrível.**

Se Jesus sofreu maus tratos  
No tempo do rei, Herodes,  
Um rei de grandes bigodes,  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Que aprovou os desactos,  
E ante o crime ficou queado,  
— Daqui é que não arredo —  
Se refugiou nos flâis  
Pois, como observareis,  
*Pode meter-se no Credo.*

**João da Sé.**

Herodes por uns «patacos»  
Jesus Cristo alanceou  
— E nenhum crante o vingou!...  
*Eu não sei como Pilatos,*  
Entre os cristãos mais pacatos  
Que saíam o segredo  
Conseguiu meter-lis o medo?  
Não posso perceber isto  
Como 'stando morto Cristo  
*Pode meter-se no Credo!*

(Continua na pág. 14).

**Lizé,**



(PAULO GANIMEDES)

(Continuado da página 12)



Colabora hoje  
enfim, finalmente,  
nas colunas de  
MARIA RITA o  
assaz conhecido  
escritor Artur Fer-  
reira, Filho, Paulo  
Ganimedes nas let-  
tras.

Artur Ferreira,  
Filho, que tinha  
direito, incontes-  
tavelmente, a uma  
cadeira de borla  
na Academia das  
Ciências, é bem  
digno dos nossos  
mais sinceros agra-  
decimentos.

Além da *Pá-  
gina Íntima*, da-  
mos à estampa uma  
carta e a vera-efi-  
gie, do escritor de  
charuto e tudo.

Porto, 26/09/932.

Prezado e amigo Senhor

Como prometi escrever algo para a MARIA RITA, jornal humorístico, compri com o meu dever. O amigo sabe que o meu Genero não é o vosso mas mesmo assim, depois de *Eu ter folhiado a minha inutil bagagem literaria* — *Eu achei esta a mais razoavel, por ter fim. Não tem valor algum literario, — mas sim particularmente e que nos afecta. (E' do tempo da guerra?) Como sabe, e tem em seu poder o meu livro intitulado (que queres de mim) Eu não sei nada, simplesmente escrevo aquilo que a noção me dita inutilmente. Como já digo, se lhe agradar, publique cazo contrario, já sabe qual é o sitio, cesto dos papeis, não me importando depois falarem — como é costume. Cazo queira saber a quem foi derigida esta carta em outros tempos — posso fazel-o, pois julgo que que advinhou e ate já se falou na pessoa vizada. Esta carta esta escripta no meu livro intitulado (Iluzão Perdida.)*

Sem mais assumpto creia-me sincero e amigo ao seu dispor — ARTHUR JOAQUIM FERREIRA

Avenida da B. Vista n.º 861-863 que uza o pseudonio vulgarmente conhecido por

Paulo Ganimedes.

Tem coisas bem curiosas  
A vida, com que me espanto!...  
No perfume, e no encanto,  
O amor, é como as rosas!...  
As voláteis mariposas  
Levando a vida louça  
No ar, dançando o cancan,  
Tem uns momentos de vida!...  
Assim, teu amor, querida,  
Dura só uma manhã!...

Alfredo Cunha (RAZA).

## Página íntima

Neste inferno em que o destino ás vezes nos envolve na vida, perdido me — embulhei; mas um dia julguei ver radiar para mim, a Aurora da Poesia e do Amor; construindo castelos no ar, architectei um jardim de lindas e — floridas rosas, onde a mais bela e linda flor que existe no mundo desabrochava; (a Flor do Amor) colhi-a resplandesciente de beleza e plantei-a no meu jardim, até então rebelde á procriação de qualquer. Floria, até que, cansada de ser alimentada por uma terra virgem (a alma), murchou e as suas petalas foram juncando essa bendita terra até em então — infecunda. Porque murchaste quando ia raiar no meu tormento um olhar melancólico? Para seres alimentada por uma terra virgem, sempre rebelde, fria e indiferente a qualquer plantação igual? Porque deixaste cair as tuas petalas quando eras alimentada por essas terras, que a pesar de serem disfrutadas por muitos compradores, talvez ainda fosse eu o possuidor?

Porventura, tu, flor — carnal, não sentiste o palpitar dela? Flor que tantos e tantos canteiros, almejam por te acolher em seu seio, porque não tratas-te a terra que se sentia orgulhosa de te possuir? Murchas pouco a pouco e a petala; não ferires, para não magoares quem te acolheu. Então a tua haste, as tuas raizes serão arrancadas pela a enxada (digo enxada), do desprezo, e esses serão arrojados para bem longe pela a enxada do odio.

26/9/932.

Arthur Joaquim Ferreira (Filho)  
(Paulo Ganimedes)

## PECHINCHA

Vende-se, por baixo preço, um bonito estôjo de *toilette* masculina, com todos os seus pertences. Tem 3 escôvas, 2 pentes, 2 navalhas de barba, 2 pincéis, 1 assentador e 2 máquinas de barbear um homem depois de morto.

Falar nesta redacção todos os dias.

Homem de modos sensatos  
Qu'ria eu ser neste momento;  
Mas, ter tal temperamento,  
Eu não sei como Pilatos.  
A-pesar dos meus recatos  
Por tal caminho enveredo,  
E o meu pensamento arredo,  
Pra saber porque razão  
O Pilatos em questão  
Pôde meter-se no Credo.

J. A. Costa.

O R. rei dos gaitos  
Apanha cada perua,  
Que se isto assim continua,  
Eu não sei como Pilatos.  
Perante tais desuacatos  
Há-de ficar mudo e quedo.  
Tanto mais que o R. ledo  
Não cabe na ladainha  
Contudo, de forma asinha  
Pôde meter-se no Credo.

John Athas.

Quer's saber dos desuacatos...  
E, então, vens ter comigo...  
Sabes o que é que eu te digo:  
Eu não sei como Pilatos...  
Sempre fui dos mais sensatos,  
E por isso é que eu me quedo,  
E a história te sveps...  
Foi assim que o pretor judeu,  
Procedendo como agora eu,  
Pôde meter-se no Credo!...

H. R.

Sabem bem que contra factos...  
E' por isso que meu valor,  
Não teve sequer um louvor!...  
Eu não sei como Pilatos,  
Que está bem no céu... dos gatos!...  
Ante mim, glossador ledo,  
Dos versos, esteja quedo! ?  
Eis o meu conceito afinal:  
Por éle ser imparcial...  
Pôde meter-se no Credo!...

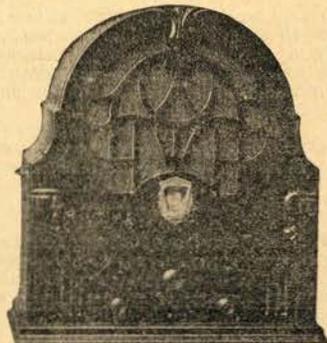
(Portalegre).

Herr Ritófilo.

Mote para o próximo número:

Tenho em casa um papagaio  
que, em vez do pé, dá o bico...

## RÁDIO TELEFONIA



V. Ex.ª está comprador de um receptor ou de qual-quer acessório para T. S. F.?  
Recomendamos-lhe, no seu próprio interesse, não tome qualquer resolução sem visitar a **Casa Forte**, o maior depósito de artigos de Rádio.  
As primeiras marcas americanas e europeias estão ao dispor de V. Ex.ª aos melhores preços do mercado.

**RÁDIO PORTO**  
SÊDE — Rua Sá da Bandeira, 281  
FILIAL — Rua Santa Catarina, 20  
PORTO — Telefone 4111

# PEÇAS E



## ELA!!... QUE É DELA?!...

PEÇA EM TANTAS CENAS QUANTAS AS QUE FOREM NECESSARIAS

A cena passa-se numa taberna autêntica. Ao centro uma mesa de pinho com copos, ora cheios ora vazios, e assim sucessivamente. De volta da mesa: FERRABRAZ, MATA-SETE e PERNA FINA

### CENA I

*Ao levantar o pano, êles também se levantam.*

FERRABRAZ

Silêncio! (*ninguém lhe responde*) — Silêncio, ouviram?

MATA-SETE

Eu cá não ouvi nada.

PERNA-FINA

Nem eu (*treme*).

FERRABRAZ (*sentando-se*)

Eu tampouco!... (*uma pausa*) — Há três noites que não durmo...

MATA-SETE

Há quatro que não almoço!...

PERNA-FINA

E eu há um mês que não sei o que é lavar os pés.

FERRABRAZ

Canalha que a tal te afoitas. Falas em água e eu ando sequioso de amor! E ela! Que será feito dela?!...

MATA-SETE

Também eu não sei da minha .. Vivo por graça divina. Ela, a minha ela!...

PERNA-FINA

Andamos nas mesmas ondas. Também eu ando à procura de uma ela.

FERRABRAZ

Amo-a com furor. Se a apanho, a desleal a perjura, vai ser um regabofe.

MATA-SETE

Também eu sinto por ela um grande afecto. Fugiu-me de casa a malvada não sei como nem para quê.

PERNA-FINA

É a minha foi sem dizer água vai. Por isso não lavo os pés.

FERRABRAZ

Trocou-me não sei por quem. É esta coisa de não saber quem nos rouba é um castigo de Deus.

MATA-SETE

Pois a minha foi com êle. Um safardana a quem dei guarida no meu leito, e comeu do meu prato. Ah!... (*chora convulsivamente*),

PERNA-FINA

É a minha... Oh! A minha... Foi com outra... que a transviou.

FERRABRAZ

Deus bem sabe, como eu lhe queria. Tanto, tanto...

MATA-SETE

Ai! Se tu soubesses quanto!...

PERNA-FINA

Vida da minha vida...

FERRABRAZ

Carne da minha carne.

MATA-SETE

Ossos do meu cadáver!...

(*Choram desalmadamente. Cá fora ouve-se o vento. Os copos sucedem-se com uma inconsciência de pasmarr.*)

FERRABRAZ

Silêncio por Deus! Ouço barulho lá fora.

MATA-SETE

E' o vento, meu senhor...

PERNA-FINA

Vento não batas à porta.  
Que eu julgo que é minha Ela.

FERRABRAZ

O vento é bom bailador...  
E a minha também bailava.

MATA-SETE

O vento é aí que mal soa  
E a minha também suave...

FERRABRAZ (*de olhos em pé*):

Agora! Agora vem gente.

MATA-SETE

Ora agora viras tu  
Ora agora vira ela...

PERNA-FINA

Agora, agora, agora  
Ainda não há meia hora.

FERRABRAZ

Se fôsse a minha que viesse, e o coração bacoreja-me que sim, tirava-lhe um olho (com raiva), e cuspiendo-lhe atirava-o por aquela janela além. Perjura!

MATA-SETE

Pois a minha, se viesse, e o coração palpita-me para tal, deixava-a ficar sem um dente, e pérfida dentadura que mentiu, que freuiu junto a outra em beijos concupiscentes, digo-la-ia na cloaca infecta cá da casa. Infame!

PERNA-FINA

Se fôsse a minha que irrompesse, e há um baque na minha alma que o afirma... (desesperadamente cortava-lhe os seios rentes, êsse colo impúbere que bateu por alguém que nanja eu,

e dá-lo-ia a um cão raivoso que adregasse de passar). Maldita!

FERRABRAZ

Também lhe arrancaria um braco, à minha... Infiel!

MATA-SETE

E eu uma perna, à minha! Cadela!

PERNA-FINA

E eu, à minha, *desancá-la-ia!* Monstro. Silêncio! De repente, com um barulho maior, entra na sala uma mulher lindíssima.

A MULHER

Ah! Vós aqui todos.

OS TRÊS (*ao mesmo tempo*)

Ela! Ela! Ela! (*todos os olhos se reviram de maldade*).

A MULHER

Adorados, que pretendes de mim?

FERRABRAZ (*indo a ela com passos medidos e vagarosos*):

Arrancar-te um olho e mais um braco (*executa, pespegando com o olho e o braco pela janela fora*).

ELA

E tu, MATA-SETE?

MATA-SETE (*mesma cena de FERRABRAZ*)

Eu? Quebrar-te os dentes um a um, e arrancar-te uma perna. (*Executa com êxito igualmente*).

ELA (*em pé, coxinho*)

E tu, adorado PERNA-FINA?

PERNA-FINA (*mesmo jôgo*)

Eu? Arrancar-te o seio viperino, Zás, e essas ancas donairosas onde as curvas sibilinas são papel de apanha mósca. (*Executa, e pode-se calcular agora o estado em que ELA ficou*).

ELA (*para os três*):

Como vêdes já paguei com o meu corpo as culpas que me lançásteis. Matai-me agora se puderdes.

CAI O PANO

N. B. — Os cães que tinham sido chamados para a função retiraram indignados, porque o vidro, o pau e a borracha, são coisas que se não podem tragar.

J. de A.

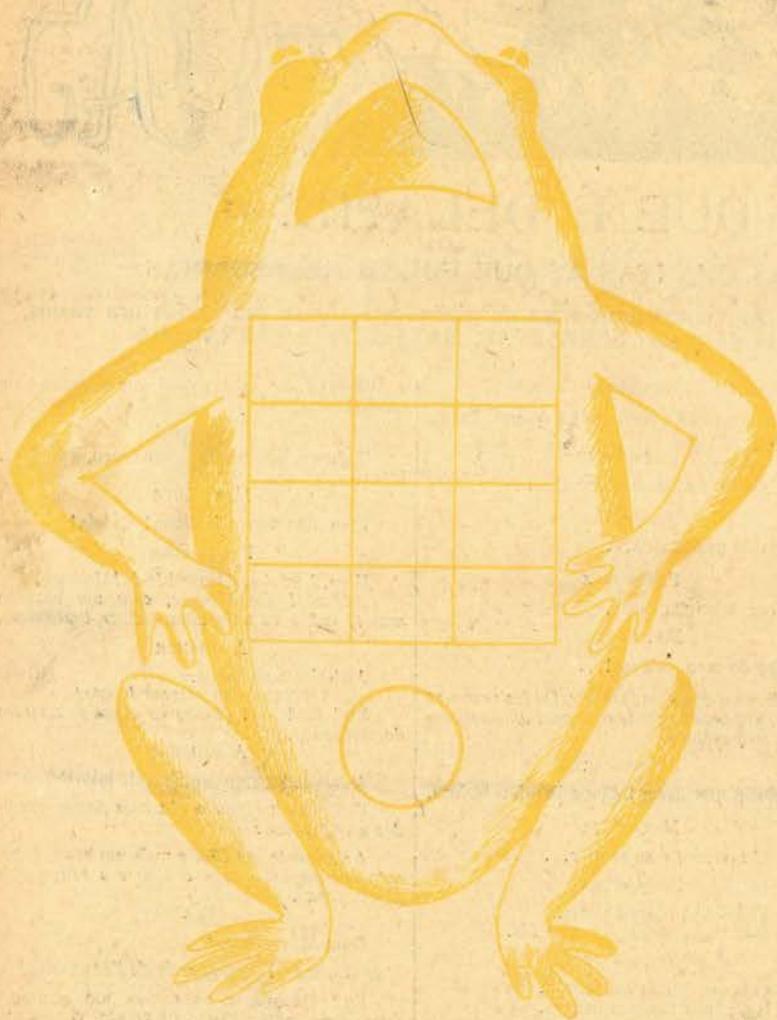
### CARTAZ DE HOJE

*Sã da Bandeira*: A peça americana em 3 actos, *Hora Suprema*.

*Olimpia*: Os bons filmes, *Ricardito Lobo do Mar* e *Escorregar não é cair*.

*Batalha*: A grande produção *A Fera Amansada*, com Douglas Fairbanks.

# JOGO DO SAPO (2.ª PARTIDA)



Cortar por aqui.

GRANDE CONCURSO DE OUTUBRO  
JOGO DO SAPO

Senha N.º

Nome do concorrente.....

Morada.....

Número de pontos que lhe são atribuídos..... (1)

(1) Esta linha será preenchida pela nossa Administração.

## Plano geral deste Concurso

Como vêem, o **Jogo do Sapo** é, nem mais nem menos, do que essa gravura com doze casas quadradas, e uma casa redonda, por baixo das outras.

Em seis dessas casas, e conforme um esquema descritivo que ficará guardado num envelope lacrado e exposto na Agência de Publicações, da Praça da Liberdade, estarão marcados os seguintes números:

|             |   |       |
|-------------|---|-------|
| Em uma casa | — | 1:000 |
| > outra     | — | 500   |
| > >         | — | 300   |
| > >         | — | 100   |
| > >         | — | 70    |
| > >         | — | 30    |
|             |   | 2:000 |

O que prefaz um total de 2:000 pontos.

O concorrente dispõe de seis patelas, que atirará à sua vontade para as casas em branco, quadradas ou redonda, não podendo em caso algum atirar duas ou mais patelas para a mesma casa.

É claro que terá que nos remeter o esquema do **Jogo do Sapo**, com as patelas marcadas por um círculo, nas casas que entender, até à quinta feira seguinte.

Para a segunda partida, que é esta, só valerão os sapos de cor laranja. Em troca dêle será entregue ao concorrente uma senha numerada. Aos concorrentes da província será igualmente arbitrado um número de entrada.

O Jogo será por partidas semanais, e serão distribuídos os seguintes prémios também semanalmente:

**1 prémio de 500 escudos ao concorrente que totalizar 2.000 pontos.**

**2 prémios de 100 escudos aos concorrentes que totalizarem 1.500 pontos.**

**30 prémios de 10 escudos representados por livros de igual valor aos concorrentes que totalizarem 1.200 pontos.**

Na sexta feira seguinte será aberto o envelope, e a MARIA RITA de sábado trará o esquema da partida com as casas onde estavam as patelas para que os concorrentes da província possam estabelecer o respectivo controle.

Igualmente serão dados os nomes dos concorrentes premiados. No caso de serem mais os pre-

miados do que os prémios, far-se há o sorteio entre eles, de uma forma absolutamente honesta e de fácil comprovação.

N. B. — Modificamos, em alguns pontos, as condições deste concurso, por nos parecer demasiado fácil. Que nos desculpem os futuros concorrentes e fiquem com a certeza de que assim mesmo, fácil se tornará.

## O JOGO DO SAPO é

**Honesto** — porque é feito pela MARIA RITA.

**Divertido** — porque entretém e experimenta a sorte de cada um.

**Simples** — porque o **Jogo do Sapo** toda a gente o conhece, e os que o não conhecerem, até se envergonham de o dizer.

**Lucrativo** — porque distribue:

**1.000 esc. de prémios semanais**

Concorram ao SAPO, que diverte e dá proveito